

Formação continuada de professores e Educação Ambiental: aprender com o corpo e ensinar com a natureza

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2026.24.2.12276>

Leonardo Fernandes¹, Derli Juliano Neuenfeldt²

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar contribuições de uma proposta formativa desenvolvida a partir de vivências com a natureza com foco na Educação Ambiental no contexto escolar, para a formação continuada de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada com os dez professores da Escola Estadual Adolfo Mânica de Boqueirão do Leão/RS/BR. É uma escola do campo. Quanto ao tipo, a pesquisa se aproxima da pesquisa-ação. Os professores participaram da pesquisa, experimentaram vivências com a natureza no período de fevereiro a maio de 2025, nos espaços da escola e da comunidade escolar. Foram desenvolvidas vivências com a natureza, como proposta formativa de professores, pois defende-se que essas atividades podem estimular uma conexão entre o corpo e a natureza, despertando e aguçando os sentidos (audição, olfato, tato e visão). Como resultados, identificamos que, ao realizarem as vivências com a natureza, os professores compreendem e internalizam princípios da Educação Ambiental através dos sentidos corporais, refletindo-se nas suas aulas. Conclui-se que a formação continuada de professores por meio de vivências com a natureza, com foco na Educação Ambiental, enquanto caminho formativo apresenta-se como uma abertura para a experiência na qual o corpo e a exploração dos sentidos ocupam lugar central.

Palavras-chaves: Educação Ambiental, formação continuada de professores, ensino, corpo, vivências com a natureza.

Continuing Education for Teachers and Environmental Education: Learning Through the Body and Teaching Through Nature

Abstract: This study aimed to investigate the contributions of a teacher education proposal developed through experiences with nature, focusing on Environmental Education within the school context, to the continuing professional development of Early Childhood and Elementary School teachers. The research, with a qualitative approach, was conducted with ten teachers from Escola Estadual Adolfo Mânica, a rural school located in Boqueirão do Leão, Rio Grande do Sul, Brazil. Regarding its methodological design, the study is aligned with action research. The teachers participated in the research and engaged in nature-based experiences between February and May 2025, in both school and community spaces. Nature-based experiences were developed as a teacher education proposal, based on the understanding that such activities can foster a connection between the body and nature, awakening and sharpening the senses (hearing, smell, touch, and sight). The results indicate that, through engaging in nature-based experiences, teachers understand and internalize principles of Environmental Education through bodily senses, which is reflected in their teaching practices. It is concluded that continuing teacher education through nature-based experiences, with a focus on Environmental Education, as a formative

¹ Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Professor da Rede Estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3309-8457> E-mail: leonardo-fernandes01@educar.rs.gov.br

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Professor do Curso de Educação Física e do PPPEnsino da Univates, Lajeado, RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1875-7226> E-mail: derlijul@univaets.br

pathway, represents an opening to experience in which the body and the exploration of the senses occupy a central role.

Keywords: Environmental Education, continuing teacher education, teaching, body, nature-based experiences.

Introdução

A intensificação das mudanças climáticas tem provocado graves desastres socioambientais, como as catástrofes ocorridas no Rio Grande do Sul/Brasil em 2024, evidenciando o profundo desequilíbrio ecológico causado por ações humanas. Conforme Nobre (2024), vivemos num tempo de emergência climática, pois as mudanças recentes são generalizadas, rápidas e intensas. Sem precedentes em milhares de anos, o homem vem aquecendo descontroladamente o planeta.

Essa crise resulta de um modelo de desenvolvimento insustentável, fundamentado em uma visão antropocêntrica que dissocia o ser humano da natureza e favorece a exploração dos recursos naturais, a degradação dos ecossistemas e a flexibilização das legislações ambientais. Essa desintegração do ser humano em relação à natureza, reflete-se, hoje, em ações inconsequentes, desrespeitosas e predatórias, que tem causado desequilíbrios ambientais que comprometem o futuro do planeta. Este efeito global ao nosso planeta, causado pela ação da humanidade, é definido por pesquisadores desde os anos 80, de acordo com Artaxo (2014), como antropoceno.

Diante desse cenário, a Educação Ambiental destaca-se como elemento essencial para a formação de sujeitos críticos, responsáveis e comprometidos com o cuidado do bem comum, da vida e do planeta. Neste contexto, a escola se apresenta com um lugar fundamental para a formação de cidadãos que se compreendam parte da natureza e assumam a responsabilidade de cuidar do meio ambiente. Porém, apesar da Educação Ambiental ser apontada, desde 1997, no Parâmetros Curriculares Brasileiros com tema transversal (Brasil, 1997), observa-se que a organização da escola a partir de um currículo disciplinar, aliada à insuficiência de formação dos professores e à falta de tempo para o planejamento pedagógico, dificulta a abordagem transversal, integradora e interdisciplinar desse tema.

Nesse sentido, este artigo tematiza a formação continuada de professores com vistas à atuação com a Educação Ambiental no contexto escolar. Para Nóvoa (2019), a criação de novos espaços de aprendizagem e de práticas colaborativas exige uma proposta formativa que prepare os professores para interagir com realidades educativas mais

complexas e integradas. Além disso, há necessidade de rever os processos formativos centrados na exposição do conhecimento e distantes do contexto de atuação do professor.

Por isso, Tardif (2014) e Nóvoa (2019) enfatizam a formação continuada deve reconhecer os professores como sujeitos centrais na transformação da escola, a partir de suas experiências profissionais articuladas a propostas interdisciplinares. Dessa forma, reconhece-se a escola como um espaço privilegiado para a construção de valores, atitudes e da consciência crítica frente às questões ambientais, que possibilita aos estudantes compreenderem o meio ambiente como um bem essencial à vida e adotarem práticas de cuidado e responsabilidade socioambiental.

Diante disso, esta pesquisa dedicou-se ao desenvolvimento e experimentação de uma proposta de formação continuada de professores para atuação com educação ambiental, fundamentada em vivências com a natureza. A proposta apoiou-se em metodologias de ensino que valorizam o contato direto com o ambiente natural como estratégia formativa, inspiradas nos pressupostos do naturalista norte-americano Joseph Cornell (2008a, 2008b) para quem a natureza é educadora e em Neuenfeldt (2016, 2022) que compreende o corpo é como lugar de aprendizagem.

Somam-se a esses autores Le Breton (2016), ao afirmar que as percepções sensoriais arremessam fisicamente o sujeito no mundo, destaca que a experiência humana é sempre corporal e sensível. Antes de qualquer elaboração racional ou simbólica, o contato com o mundo se dá por meio dos sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar e também pela sinestesia entre eles. O autor ressalta que o corpo é o meio de habitar a realidade, de construir memória corporal, construir saberes; o corpo é o instrumento ativo de interação com o mundo.

Cornell (2008b), em sua proposta vivências com a natureza, traz sugestões de atividades e brincadeiras, como possibilidades formativas em que a natureza é educadora. As brincadeiras e jogos ajudam as pessoas a experimentarem sentimentos de alegria, de serenidade e de pertencimento ao mundo natural. Também ao compreender o jogo como elemento essencial da cultura, Huizinga (2000) amplia a noção de ludicidade para além do simples brincar, situando-a como uma forma de expressão simbólica, criadora e livre, presente em todas as dimensões da vida humana. Essa perspectiva permite reconhecer que o ato de ensinar e aprender também é atravessado por elementos lúdicos, pois envolve imaginação, experimentação, prazer e criação.

Esta investigação partiu da necessidade de sensibilizar os professores com relação à natureza, no sentido de considerarem-se pertencentes a ela, para consolidar valores

fundamentais e constituir-se um sujeito ecológico. Sentimos necessidade de maior sensibilidade e conexão com a natureza, desenvolvendo atividades que permitam, de acordo com Cornell (2008a, p. 12), “[...] abrir nossos corações para o momento vivencial (só o racional não basta) da nossa fraternidade com todos os seres, com os quais compartilhamos o ar, a água, a terra deste planeta”.

Portanto, a presente pesquisa teve como objetivo investigar contribuições de uma proposta formativa desenvolvida a partir de vivências com a natureza com foco na Educação Ambiental no contexto escolar, para a formação continuada de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Destaca-se a relevância dessa pesquisa pelo fato de se buscar alternativas para a formação continuada, novos caminhos, que reconheçam as necessidades dos professores e que partam da realidade escolar, em contrapartida a formações que se limitam ao campo teórico e desenvolvidas por empresas terceirizadas que não atendem aos interesses dos docentes.

Metodologia

O estudo insere-se na abordagem qualitativa de acordo com Bogdan e Biklen (1994) e tem como eixo central a formação continuada de professores, articulada à construção de práticas em Educação Ambiental. A investigação foi realizada com o corpo docente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Mânica, localizada na comunidade de Linha Araçá, zona rural do município de Boqueirão do Leão-RS, composta por dez professores.

Quanto ao delineamento, a pesquisa apresenta aproximações com a pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011), na medida em que busca compreender as contribuições das vivências com a natureza para a formação docente, especialmente no que se refere à atuação em Educação Ambiental no contexto escolar. A referida escola caracteriza-se como uma escola do campo com organização multisseriada. Os docentes participantes da pesquisa atuam em cinco turmas organizadas nesse formato: Educação Infantil (níveis A e B - 4 e 5 anos); Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º e 2º anos; 3º, 4º e 5º anos) e Anos Finais (6º e 7º anos; 8º e 9º anos), além da professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE).

As vivências com a natureza foram desenvolvidas a partir do método Aprendizado Sequencial, desenvolvido por Cornell (2008a, 2008b). O método valoriza a natureza como espaço pedagógico e compreende que a Educação Ambiental ocorre no corpo, pela

exploração dos sentidos. São quatro fases a serem seguidas no método proposto por Cornell (2008a):

Fase 1 – Despertar entusiasmo: sem entusiasmo não é possível que se tenha uma experiência significativa com a natureza. Esse entusiasmo caracteriza-se como um interesse crescente, intenso, calmo, sutil e alerta. Essa fase tem o propósito de convencer as pessoas de que passarão um bom momento juntas.

Fase 2 – Concentrar a atenção: apenas entusiasmo não é suficiente, pois a aprendizagem depende de atenção concentrada. “Se nossos pensamentos estão dispersos, nós não conseguiremos ficar dinamicamente atentos para perceber – a natureza ou qualquer outra coisa. Portanto, é preciso conduzir nosso entusiasmo para uma concentração tranquila” (Cornell, 2008b, p. 30).

Fase 3 – Experiência direta: “à medida que vamos concentrando nossa atenção, gradualmente nos tornamos mais conscientes daquilo que estamos vendo, ouvindo, tocando, cheirando e recebendo por meio da intuição” (Cornell, 2008b, p. 31). Com a atenção calma as pessoas conseguem sintonizar-se ao ritmo e fluxo da natureza que as cerca.

Fase 4 – Compartilhar a inspiração: a natureza é inspiradora. É a nossa mente inquieta que não permite percebê-la. Dessa forma, esta etapa tem como propósito possibilitar o compartilhamento da percepção e dos sentimentos, pois, ao compartilhar, fortalecemos e trazemos à luz nossa própria experiência. É o momento para representar, falar sobre as experiências que cada um desfrutou durante as atividades.

O primeiro encontro ocorreu no dia 5 de fevereiro de 2025 quando, apresentou-se a proposta formativa a partir das vivências com a natureza, abrindo espaço para sugestões, alterações e a definição dos locais onde elas ocorreriam. No segundo encontro, dia 6 de fevereiro, desenvolvemos uma vivência com a natureza no pátio da escola, com quatro atividades. No dia 16 de abril desenvolvemos outra Vivência com a Natureza, na nascente Pifer³ e, no dia 7 de maio, desenvolvemos a terceira vivência com a natureza no pátio da escola. Após a realização de cada vivência, ocorria uma roda de conversa - momento de escuta - em que os professores falavam sobre a experiencição, que, posteriormente, foi descrita no diário de campo de cada participante da pesquisa e no diário de campo do pesquisador.

³ Nascente Pifer. Nome designado a uma nascente de água natural localizada na propriedade da família Pifer, na comunidade de Linha Araçá em Boqueirão do Leão.

Os resultados foram analisados à luz da análise textual discursiva proposta por Moraes e Galianzi (2016). Nesse artigo apresentamos uma das categorias que emergiu: “Aprender com o corpo, ensinar com a natureza: contribuições da formação continuada vivenciada para o ensino”.

Quanto aos cuidados éticos, foram utilizados codinomes para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, como, por exemplo, nome de árvores nativas (Goiaba Serrana, Cereja, Pitanga, Guabiju, Paineira, Araucária, Tarumã, Corticeira, Espinheira Santa e Ipê). A coordenadoria de Educação e a Direção da escola autorizaram o estudo por meio da Carta de Anuências e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussão

Nesta seção, apresenta-se as contribuições da formação continuada vivenciada na percepção dos professores, como ela repercutiu no planejamento das aulas deles e no desenvolvimento de projetos interdisciplinares sobre Educação Ambiental.

Com relação à importância da formação continuada em Educação Ambiental desenvolvida com os professores participantes da pesquisa, **Goiaba Serrana** ressalta:

Acho muito importante desenvolver formações continuadas sobre educação ambiental, pois vivemos em um momento em que o planeta sofre com as intempéries do tempo com secas, enchentes, calor e frio extremos, por causa do aquecimento global e precisamos trabalhar estes temas com nossos educandos para juntos, encontrarmos meios de proteger e de cuidar do meio ambiente (diário de campo da **Goiaba Serrana**).

Jacobi, Tristão e Franco (2009) defendem que a Educação Ambiental não deve distanciar-se do modo como é desenvolvida a educação de modo geral; portanto, consideram que a formação continuada em Educação Ambiental precisa contemplar a realidade e as experiências desenvolvidas neste contexto. A formação de educadores ambientais deve ser entendida como um processo contínuo e permanente, que se constrói no diálogo, na troca de experiências e na reflexão crítica sobre as práticas.

De acordo com Jacobi, Tristão e Franco (2009), a formação continuada deve possibilitar que os educadores compreendam a complexidade das questões socioambientais e atuem como agentes de transformação social. Isso foi evidenciado na fala de **Cereja**: “[...] a Educação Ambiental ajuda a desenvolver uma consciência ética

sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta”. Portanto, o processo formativo precisa articular a reflexão teórica com as práticas escolares e comunitárias, conforme enfatizam Jacobi, Tristão e Franco (2009). Essa integração permite que a Educação Ambiental não seja um conteúdo isolado, mas um eixo transversal do currículo, presente em todas as áreas do conhecimento.

Na sequência, mais duas falas de professores que trazem considerações sobre a formação continuada vivenciada, referindo-se à Educação Ambiental, no contexto escolar:

[...] a Educação Ambiental na escola beneficia comunidades, além de formar cidadãos mais conscientes e responsáveis pela construção de um futuro melhor, promove mudanças de valores e atitudes que refletem uma vida mais saudável/sustentável (Diário de campo, **Tarumã**)

[...] a experiência direta com a natureza nos ajuda a perceber com mais convicção a importância da preservação ambiental e nos torna agentes de mudança mais conscientes (Diário de campo, **Paineira**)

Nas falas acima constata-se que a formação continuada fortalece a compreensão sobre a importância da Educação Ambiental na escola e do compromisso de cada cidadão, destacando na fala de Paineira a experiência direta com a natureza. Nóvoa (2019) corrobora o posicionamento dos professores ao ressaltar a importância da formação continuada ser desenvolvida na escola, por estar diretamente ligada à prática pedagógica, às situações concretas da profissão, a tudo aquilo que, de fato, contribui para que nos tornemos professores.

Constatou-se que a vivência pelos professores de atividades como: “Que animal sou eu” (Cornell, 2008a, p. 94); “Caminhar descalço” (Cornell, 2008b, p. 103); “Encontre a árvore” (Cornell, 2008a, p.46); “Poema dobrado” (Cornell, 2008a, p. 173) foi fundamental para eles vislumbrarem possibilidades de trabalhar com a Educação Ambiental com seus alunos. A atividade “Encontre a árvore” é um exemplo identificado, conforme relata **Pitanga**:

Os estudantes organizados em duplas, um com os olhos vendados e o outro colega conduzia até uma árvore, como se estivesse lhe entregando um presente. O estudante com os olhos vendados precisava se conectar com a árvore, tocando, cheirando, a tal ponto que pudesse identificar sem as vendas (diário de campo de **Pitanga**).

Os professores desenvolveram essa atividade com seus alunos, após a formação continuada. Ipê considerou a atividade “[...] *super interessante, com ações simples podemos perceber, sentir e valorizar as coisas simples e incríveis que é a natureza e tudo que ela oferece*”. Ainda, “*É muito gratificante ver as atividades das vivências com a natureza serem desenvolvidas pelos professores participantes da pesquisa com seus estudantes*” (diário de campo do pesquisador).

À medida que os professores passaram a sentir a relevância das atividades desenvolvidas por meio das vivências com a natureza, reconheceram também o corpo como lugar de aprendizagem, indo ao encontro do que ensina Neuenfeldt (2016). Assim, consolida-se o entendimento de que o corpo não é apenas um instrumento, mas um elemento essencial no processo de aprendizagem vivencial, pois é através dele que o sujeito experimenta, sente e significa o conhecimento.

Segundo Le Breton (2016) reforça a importância de nos compreendermos como corpo. O corpo não é uma entidade separada do mundo, mas parte integrante das relações que o constituem. Ele está inserido no fluxo contínuo da vida, participando ativamente do movimento das coisas e das forças que o cercam. Assim, o corpo não se limita a ocupar um espaço físico, mas se configura como um campo de interação e de presença, onde o mundo se torna sensível e significativo. É por meio do corpo que o sujeito habita o mundo. O corpo é o mediador de todas as experiências, pois, por meio dos sentidos, estabelecemos contato com o ambiente, reconhecemos sua materialidade e atribuímos sentido às nossas vivências.

Nesse sentido, podemos reconhecer que o processo de aprender é também um processo corporal e sensorial. Ao interagir com a natureza, o corpo se torna via de conhecimento e de expressão, construindo significados não apenas racionais, mas também afetivos e perceptivos. Essa visão contribui para pensar práticas pedagógicas em que o aprender se dá na experiência vivida, em diálogo com o ambiente, reforçando a dimensão ecológica do sujeito. Dessa forma, entende-se que o corpo é o caminho para desenvolver a formação continuada para atuação com a Educação Ambiental.

Cabe destacar o processo de formação continuada que ocorreu com a vivência realizada na Nascente Pifer com o caminho percorrido que sugeria a observação de paisagens, plantações, matas nativas e exóticas, plantas alimentícias não convencionais e muito mais, que despertaram a curiosidade dos professores (diário de campo do pesquisador).

Essa atividade nos remete a Boff (2012), que nos ensina que as pessoas precisam vivenciar diretamente a natureza, para que possam sentir, observar e compreender o ambiente na sua totalidade e na sua biodiversidade. Cornell (2008a) explica que, durante as atividades, surgem dúvidas a respeito das espécies de plantas e animais; por isso, recomenda deixar fluir, para que os participantes tenham a experiência direta com a natureza.

Os docentes, nesta vivência, tiveram uma participação ativa, conforme registro abaixo:

Guabiju e Goiaba Serrana fizeram a frente do passeio. Proporcionaram paradas estratégicas, para que os estudantes⁴ explorassem melhor o ambiente, observando as frutas, as plantas alimentícias não convencionais, as bicas de água e tudo aquilo que despertasse a curiosidade (diário de campo do pesquisador).

Outro aspecto formativo que emergiu na nascente Pifer ocorreu quando os professores participantes da pesquisa e os estudantes trabalharam juntos na construção de um abrigo, atividade que Cornell (2008a, p. 170) denomina “Sobrevivência na Selva”. Para **Pitanga**, foi um “[...] *trabalho cooperado, em que alunos e professores aprendem juntos, também a como cuidar do meio ambiente*”. Tardif (2014) e Imbernón (2022) destacam a importância da formação colaborativa, quando os professores aprendem com os estudantes e os estudantes aprendem com os professores, mas, sobretudo, aprendem juntos com a experiência compartilhada.

Na nascente, também foram desenvolvidas outras atividades em conjunto, como “Personificar uma Árvore” (Cornell, 2008b, p. 124). **Corticeira** ressalta a importância dos momentos de aprendizagem junto à natureza:

[...] poder proporcionar esse momento para os alunos tem sido muito bacana, porque eles mesmos estão todos os dias em contato com a natureza, mas a gente põe isso no automático e esquece da conexão importante que temos e que ainda podemos estabelecer com as coisas da natureza. Para mim como professora é um grande benefício para a questão do ensino, uma vez que o aluno tenha essa conexão e assim mais consciência da questão ambiental, no sentido de preservar, claro,

⁴ Nesta vivência, por se tratar de uma saída em um espaço externo à escola, os professores propuseram que os estudantes também a realizassem.

mas também no sentido de se conectar, de se sentir parte, de proteger (diário de campo de **Corticeira**).

O relato da professora evidencia o potencial pedagógico das vivências com a natureza, ao destacar que, embora os estudantes estejam cotidianamente inseridos nesse ambiente, muitas vezes, essa relação ocorre de forma automatizada, sem a devida consciência das conexões que podem ser estabelecidas. Ao refletir sobre esse processo, a docente reconhece que tais experiências contribuem significativamente para o ensino, favorecendo a construção de uma consciência ambiental que ultrapassa a dimensão da preservação e se estende ao sentimento de pertencimento e de responsabilidade em relação ao meio. Nessa perspectiva, evidencia-se que atividades constituídas a partir da formação continuada e experimentadas pelos participantes da pesquisa potencializam processos de ensino.

Portanto, de acordo com Le Breton (2016), o corpo é o lugar onde a experiência se solidifica, pois, a relação do ser humano com o mundo ocorre, primordialmente, por meio dos sentidos. É através das percepções sensoriais que construímos significados e atribuímos sentido às nossas experiências cotidianas. Assim, o autor ressalta que o envolvimento sensorial é um elemento importante para o pensamento reflexivo e inventivo, pois amplia as possibilidades de compreensão e de interação com o ambiente, resultando em experiências significativas para o desenvolvimento dos estudantes.

Outro resultado é que essa pesquisa possibilitou aos professores que não tiveram contato com o tema Educação Ambiental na formação inicial, a oportunidade de aprenderem com seus pares, por meio da troca de ideias, do planejamento em conjunto, ao construírem juntos e compartilharem saberes, desenvolvendo projetos interdisciplinares⁵. Corroborando, Imbernón (2022) afirma que o trabalho em equipe entre docentes é fundamental para o desenvolvimento profissional. Ao socializarem suas práticas, os professores criam um ambiente de aprendizado mútuo, onde podem compartilhar suas experiências, o que fortalece a capacidade do grupo de buscar soluções eficazes e de lidar com os problemas que surgem.

Carvalho (2012) sugere que as instituições de ensino organizem suas propostas pedagógicas para contemplar a Educação Ambiental de maneira transversal, integradora e interdisciplinar, a partir de projetos interdisciplinares. A autora complementa que esta

⁵ Os professores desenvolveram a partir da formação continuada dois projetos: “Sentidos em Ação: Uma Jornada Sensorial” e “Abraço a Natureza e me conecto com a Vida”.

metodologia possibilita contemplar conhecimentos científicos sobre a natureza e transitar entre outros saberes, a fim de contribuir para a compreensão das relações socioambientais.

Os projetos interdisciplinares são, portanto, espaços de reflexão e de produção de uma nova cultura profissional, na qual o professor se constitui como um profissional capaz de lidar com a complexidade e a incerteza, conforme Nóvoa (2019). Ainda, o autor ressalta que as escolas precisam se renovar, se modificar, passar por uma metamorfose, proporcionando inovação e criatividade. Nesse sentido, a formação continuada contribuiu significativamente para a consolidação dessa perspectiva, fortalecendo a organização e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares no contexto escolar.

Ipê avalia que “*os projetos anteriores eram mais voltados à preservação e ao cuidado com o meio ambiente. Esse ano foi mais voltado às pessoas, nós que vivemos a experiência de nos conectarmos com a natureza*”. Nesta fala, podemos perceber as contribuições desta pesquisa para o ensino. Conforme Nóvoa (2019), a escola precisa reinventar-se para continuar sendo relevante, proporcionando múltiplos ambientes para desenvolver a aprendizagem.

Logo, de acordo com o que os professores participantes da pesquisa ressaltam, podemos destacar como resultado da formação continuada nos novos projetos desenvolvidos o fato deles visarem a sustentabilidade, enquanto os projetos interdisciplinares desenvolvidos antes da formação visavam à razão, buscando soluções imediatas para os problemas ambientais. Através da formação continuada, foi possível trabalhar a Educação Ambiental de uma maneira diferente, criando maior conexão com a natureza, para compreender a interdependência entre o homem e a natureza.

A formação continuada desenvolvida reflete-se nas aulas dos professores. A partir das vivências com a natureza, **Tarumã** pondera que se “[...] *observam novas motivações e expectativas dos estudantes, resultado do envolvimento nas atividades*”. Se a proposta para o ensino for bem planejada, com objetivos claros e contextualizados, ela desperta o interesse, a curiosidade dos estudantes, estimulando a participação, o envolvimento e, conseqüentemente, um processo de ensino e aprendizagem com resultados.

Enquanto resultados, identifica-se também que, ao realizar as vivências com a natureza, os professores internalizam princípios da Educação Ambiental, através dos sentidos, da ludicidade e da alteridade, o que resulta em experiências significativas que contribuem para os professores refletirem e aperfeiçoarem as práticas de ensino que desenvolvem na escola.

Para **Ipê**, essa proposta formativa precisa ter continuidade na escola: *“Fazer uma vez por semana uma atividade de vivência com a natureza (alunos e professores). Não deixar se perder o que já foi feito, retomando de vez em quando os projetos já realizados”*. Também, de acordo com diário de campo de **Ipê**, *“[...] depois da formação continuada em educação ambiental, pude perceber colegas mais motivados e envolvidos no desenvolvimento dos projetos. Um interesse que antes eu não via”*.

Portanto, constatou-se que vivenciar corporalmente contribuiu para a formação continuada dos professores, motivando-os e influenciando sua docência, pois, a partir da formação continuada em Educação Ambiental, desenvolveram as atividades experimentadas e as adaptaram, para que pudessem ser realizadas com os estudantes. Os relatos dos professores revelam diversas contribuições da formação continuada, demonstrando sua influência em múltiplas dimensões da prática docente:

Ver o entusiasmo de todos, colegas e estudantes, é muito contagiante. Todos empolgados e participando das atividades, querendo saber mais, fez com que eu também me dedicasse mais, pesquisando, buscando formas de ensinar de maneiras diferentes (**Pitanga**)

Agora me dei conta do quanto as atividades práticas podem, sim, contemplar os objetos de ensino e desenvolver as habilidades da matriz. Vivenciar é aprender (**Tarumã**)

A prática docente em relação à preservação do meio ambiente melhorou muito com essa nova perspectiva de conexão, porque nós conseguimos também dar exemplo prático e eficiente” (**Corticeira**)

Analisando as falas dos professores, percebe-se que elas representam o quanto a formação contribuiu para a docência e também para a vida deles. O trabalho em conjunto, compartilhar experiências, o acolhimento, os momentos de prazer, de descontração no ambiente escolar são importantes e motivam os professores a sair das quatro paredes, a ver o mundo de outra forma, a aproveitar o que a natureza oferece e transformar isso em ensinamentos, em conhecimento, tanto para os professores, quanto para os estudantes. É preciso desvincular-se da ideia de aprendizado somente na sala de aula. Aprendemos, também, vivenciando e explorando o mundo na relação direta com o corpo.

Para Steil e Carvalho (2014), o conhecimento não se limita à interpretação do mundo a partir de diferentes culturas, demanda abertura para reconhecer a diversidade de formas de imaginação e de existência presentes em outras espécies e elementos que compartilham conosco a experiência de vida em nosso planeta. Essa compreensão dialoga com o que Neuenfeldt (2016) propõe para a formação de professores, ao defender

vivências com a natureza, com outros seres vivos e não vivos, reconhecendo o lugar de cada um deles no mundo e fazendo da alteridade uma dimensão formativa.

A formação continuada de professores vivenciada a partir de vivências com a natureza demonstrou ser um caminho potente para a construção coletiva do conhecimento e para a ressignificação das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola participante da pesquisa. Entre suas principais contribuições para o processo de ensino, destacam-se o fortalecimento do trabalho em equipe e a valorização dos saberes docentes, que emergem do compartilhamento de vivências e experiências entre os professores. As atividades formativas desenvolvidas em ambientes diversos, dentro e fora da escola, possibilitaram uma conexão mais profunda com a natureza, promovendo uma aprendizagem sensível, pautada nas emoções, na ludicidade e na experimentação corporal. Tais experiências ampliam a compreensão dos educadores com relação à interdependência entre os seres humanos e a natureza, favorecendo o desenvolvimento da alteridade como dimensão essencial para enfrentar os desafios socioambientais contemporâneos. Assim, a formação continuada contribui não apenas para o aprimoramento profissional, mas também para a constituição de uma consciência crítica e comprometida com a sustentabilidade ambiental.

Considerações finais

Os resultados apontam que as vivências com a natureza, enquanto estratégia formativa, favoreceram a internalização de princípios da Educação Ambiental por meio do corpo, dos sentidos, da ludicidade e da experiência vivida. Os professores passaram a compreender a Educação Ambiental não apenas como um tema transversal a ser desenvolvido, mas como um processo experiencial, sensível e relacional, capaz de promover o sentimento de pertencimento à natureza e a construção de uma consciência ecológica crítica. Essa compreensão refletiu-se diretamente em suas práticas pedagógicas, que passaram a incorporar atividades sensoriais, desenvolvidas em diferentes espaços da escola e da comunidade.

Outro resultado relevante refere-se ao fortalecimento do trabalho coletivo e interdisciplinar. A formação continuada, realizada no próprio contexto escolar e construída com os professores, contribuiu para a valorização dos saberes docentes, o compartilhamento de experiências e a ampliação do planejamento colaborativo. Esse movimento culminou na elaboração e no desenvolvimento de projetos interdisciplinares

que integraram diferentes áreas do conhecimento, envolvendo estudantes da Educação Infantil, dos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental.

Evidenciou-se, ainda, que a formação continuada centrada na escola potencializou a ressignificação de processos de ensino e aprendizagem, ao proporcionar a utilização de metodologias que articulam teoria e prática, conhecimento científico e saberes do território, razão e sensibilidade. As práticas formativas desenvolvidas exaltaram o corpo como lugar de aprendizagem, reconhecendo que aprender é também sentir e experienciar, conforme apontam os referenciais teóricos que sustentam esta investigação.

Destaca-se também o impacto da proposta formativa na motivação e no comprometimento dos professores e dos estudantes, observado nas falas dos participantes e nos registros dos diários de campo. As vivências com a natureza favoreceram o envolvimento ativo, a curiosidade, o bem-estar e a participação, contribuindo para a construção de aprendizagens significativas e para o desenvolvimento de atitudes de cuidado, responsabilidade e compromisso com o meio ambiente.

Conclui-se, portanto, que a formação continuada de professores por meio de vivências com a natureza apresenta-se como um caminho formativo potente para a Educação Ambiental, ao promover uma abertura à experiência, na qual o corpo, os sentidos e a relação com o ambiente ocupam lugar central. Essa abordagem amplia as possibilidades de atuação docente, fortalece a interdisciplinaridade e contribui para a constituição de sujeitos ecológicos, capazes de compreender a interdependência entre os seres humanos e a natureza. Como desdobramento, aponta-se a necessidade de continuidade e aprofundamento de propostas formativas dessa natureza, bem como de novas pesquisas que investiguem seus impactos em outros contextos escolares.

Referências

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? *Revista USP*, n. 103, p. 13-24, 2014. Disponível em: DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i103p13-24 Acesso em: 18 mar. 2026.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde*. Vol. 09. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CORNELL, Joseph. *Vivências com a natureza 1: guia de atividades para pais e educadores*. 3. ed. São Paulo: Aquariana, 2008a.
- CORNELL, Joseph. *Vivências com a natureza 2: novas atividades para pais e educadores*. São Paulo: Aquariana, 2008b.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional [livro eletrônico] : formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2022. (Coleção questões da nossa época, v. 14).
- JACOBI, Pedro Roberto; TRISTÃO, Martha; FRANCO, Maria Isabel Gonçalves Correa. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 29, n. 77, p. 63-79. 2009.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. 3 ed. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2020.
- NEUENFELDT, Derli Juliano. A potência do corpo na Educação Ambiental: compartilhando experiências de ensino. In: CANDIANI, Giovano; VIESBA, Letícia (org.). *Ciências Ambientais: estudos e inspirações em Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Diadema: V&V, 2022. p. 61-78.
- NEUENFELDT, Derli Juliano. *Educação Ambiental e Educação Física Escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza*. 2016. 234f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2016.
- NOBRE, Carlos Afonso. Palestra de Abertura: **Mudanças Climáticas**, Desafios para a Humanidade. In: Congresso de Ciência, Tecnologia & Conhecimento, 7., 08 a 10 jul. 2024, Lajeado. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/-51kFY9rTAK> Acesso em: 18 ago. 2024.
- NÓVOA, António. *Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola*. Educação & Realidade, [S.l.], v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.
- STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito*. *Mana*, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000100006> Acesso em: 03 jun. 2025.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Submissão: 09/06/2026. **Aprovação:** 14/08/2026. **Publicação:** 31/08/2026.